

Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo

Helena Katz e Christine Greiner

Resumo: O que cabe à construção de epistemologias senão fazer falar a nós o que não estava audível? Para conseguí-lo, devem se constituir de modo diferenciado ao das borboletas, "que não sobrevivem ao momento em que um alfinete lhes atravessa o corpo para fixá-los no lugar" (Bauman, 1999, 1991: 12).

Este artigo pertence a uma série que vem sendo produzida nos últimos anos e que se estrutura em torno da mesma pergunta: o que singulariza os estudos do corpo como a matriz da comunicação e da cognição e a dança como uma especialização que trabalha basicamente com o movimento metafórico? O pensamento metafórico se organiza a partir de sucessivas e incessantes representações do real e desloca a ação cotidiana para os domínios do simbólico.

O novo não está no que é dito,
mas no acontecimento da sua volta
(Foucault, 2002, 1971: 26)

A linguagem nasce da segregação.

A prática de nomear, que depende da eficiência do ato de classificar, nos treina a condicionar a comunicação ao seu exercício. Tal entendimento, todavia, depende da crença de que o mundo é formado por objetos e/ou fenômenos discretos e distintos que se reúnem em grupos. Esse nomear que desenha topologias tem uma duração que lhe independe, pois tudo o que se põe no mundo segue um percurso que a mistura de acaso e causalidade

configura. Discursos proliferam sem o controle de quem os emite. Não à toa, Foucault chamou a atenção para três sistemas de exclusão do discurso: interdição (não é qualquer um que pode falar de qualquer coisa / nem tudo pode ser falado), segregação (as proposições estabelecem impedimentos) e a vontade de verdade (a vontade de dizer o discurso verdadeiro deseja ter uma história independente dos objetos que pretende conhecer) (2002, 1970).

Todavia, não são as áreas de conhecimento, mas sim as suas disciplinas que tendem a se definir por uma coleção de objetos, métodos e regras que capacitem a construção de seus enunciados, cuja função será a de controlar a produção dos seus discursos. A disciplina, contudo, nunca é o conjunto do que pode ser aceito como um campo de conhecimento, pois este abriga, para além dos objetos, os processos que os constituem. A biologia do século XIX não reconheceu Mendel porque ele trouxe um instrumental teórico estranho (a regularidade estatística) para investigar um tema que lhe pertencia (traços hereditários), do qual Naudin já havia tratado. Ambos chegaram à mesma conclusão - a de que os traços hereditários eram descontínuos - mas Mendel foi rejeitado porque trabalhou com uma teoria que escapava ao domínio do que era aceito na biologia da sua época.

Para não se manter surda ao rumor da ação do tempo, toda área de conhecimento deve lembrar que o que está designando como seu domínio não passa de um recorte e uma rarefação de um saber mais amplo, ao qual o recorte se subordina como uma descontinuidade. Lembrar para escapar do risco de transformar a sociedade do discurso em doutrina.

O conceito que pauta a existência das disciplinas está hoje "opaco no seu miolo e puído nas suas beiradas" (Bauman). Para tratar do corpo, não basta o esforço de colar conhecimentos buscados em disciplinas aqui e ali. Nem trans nem interdisciplinaridade se mostram estratégias competentes para a tarefa. Por isso, a proposta de abolição da moldura da disciplina em favor da

indisciplina que caracteriza o corpo (Katz, 2004). Alguns discurso se dizem e passam com o ato que os pronunciou e outros são retomados constantemente. Mas como os discursos exercem o seu próprio controle, deve-se forçá-los a tomar posição sobre questões sobre as quais estavam desatentos. Eis a tarefa das novas epistemologias.

Há discursos que não necessitam de autor, mas de serem subscritos. Na ciência da Idade Média, o autor validava a verdade; na do século XVII em diante, tendo a ligação autoria-verdade se enfraquecido, os nomes dos cientistas passam a batizar os fenômenos. Na literatura, o processo se dá no sentido inverso: narrativas mais ou menos anônimas em circulação durante a Idade Média, onde a identidade nasce da repetição, vão sendo trocadas por um texto assinado, que vai instituir a associação entre identidade e individualidade.

Teoria da evolução na comunicação

Diz-se que o mundo pré-hobbesiano pensava a ordem como obra da natureza. Sabendo-se que o senso comum da época não se preocupava com o conceito de ordem, deve-se evitar tratá-lo com uma postura pós-hobbesiana. Mas como escapar da cilada de apresentá-lo dentro de uma moldura que então ainda não existia, a que contrapõe natural a artificial (a ordem como o que restringe o fluxo natural)? Não parece haver outra saída que não a de desenvolver novas epistemologias quando o interesse for o de acordar mundos que continuariam adormecidos e sem sentido para nós (Bauman, 1999) – proposição do presente texto. O corpo do qual a medicina tratava até o século XVIII sofria de “líquidos esquentados” (inflamação) e “sólidos ressecados” (degenerescência dos tecidos). A troca terminológica demorou o tempo necessário para o surgimento de um certo tipo de inquietação capaz de produzi-la.

O darwinismo encontra resistência forte. Primeiro, porque as primeiras tentativas de aplicar aos humanos as idéias darwinianas (Spencer, 1851) resultaram numa agenda que permitiu, entre outros equívocos igualmente graves, o entendimento de que a competição entre os grupos humanos seria a arena da luta pela sobrevivência. Foi quase natural passar a condenar esse argumento (falso, em termos evolucionista) como sendo um estímulo às idéias de supremacia racial. A equivocada aproximação entre processos de evolução e progresso (mudança direcional) passou a produzir visões igualmente equivocadas sobre a diversidade humana. Pensadores como Weber, Durkeim e Lévi-Strauss, entre outros, colaboraram para a descrição do comportamento humano como resultado do mundo social, esse, sim, o real responsável por moldar o indivíduo. Como o social ainda é visto como a antítese do biológico, informações biológicas trazidas para a explicação de padrões de comportamento humano, especialmente as genéticas, sofreram e continuam a sofrer rejeição. A "biologização" precisaria ser combatida por representar uma porta aberta para o horror das eugenias, a ameaça dos controles raciais, etc. E isso se apoia em uma bibliografia que continua sendo produzida dando por suficiente reconhecer a existência da evolução, mas sem descrevê-la com competência teórica. Sem esse indispensável conhecimento técnico, evolução continua sendo apresentada como sinônimo de progresso, o que impede um uso adequado da sua teoria.

"Franz Boas assumiu a liderança, demonstrando como cultura e raça podiam ser desvinculadas e, portanto, como a mudança cultural não dependia de quaisquer idéias bilógicas ou evolucionistas. Suas idéias, bem como as de contemporâneos seus como Malinowski, já tinham, nas décadas de 1920 e 1930, erradicado a abordagem evolucionista" (Foley, 2003: 19)

A mudança ocorrida entre a evolução tal qual entendida no início do século 20 e o tempo que a ela se seguiu pouco mudou essa situação. A matemática populacional revolucionou a genética, a natureza do DNA foi desvendada,

presupostos biológicos passaram a ser aplicados à ecologia, ao desenvolvimento e ao comportamento, etc e as imprecisões e os equívocos sobre a evolução continuam sendo reproduzidos. Desconstrutivismo e relativismo cultural, mais adiante, postulando a impossibilidade do mundo objetivo (o que vivenciamos é uma construção de sentido que descrevemos com a linguagem) passaram a se referir à teoria evolucionista como simplificadora e reducionista, inadequada para dar conta da complexidade dos fenômenos maiores que o gene. Mais grave ainda é etiquetar a teoria darwiniana como um ideologia política ameaçadora do humanismo (como se os humanos fossem apresentados pelo darwinismo como fantoches dos seus genes, agindo forçados pelo que genes ditam).

Graças à ampliação dos dados disponíveis sobre a vida e a morte dos animais tornou-se possível entender que a evolução não ocorreu somente no passado, mas que é um processo em andamento. Com essa compreensão, foi possível identificar como falsa a oposição livre arbítrio x determinismo biológico. Na esteira dessa recusa, o legado de Darwin pode ser empregado para alimentar perguntas novas sobre o homem, suas produções e seu lugar no mundo. Exemplo: inovações tecnológicas podem ser descritas como sendo descendência de idéias com modificação e realizando implementações. Que contribuição isso traria? Permitiria escapar das explicações históricas causais, favorecendo, assim, enunciados mais aptos a explorar a complexidade.

Corpomídia: o movimento como matriz da comunicação

Em 1987, o americano Mark Johnson repropôs a relação entre corpo, movimento e cognição. Mostrou que a cognição tem origem na motricidade e explicou que a idéia de que existe um dentro, um fora e um fluxo de movimento entre eles se apóia no conceito de corpo como recipiente. Talvez

a popularização da proposta de corpo como recipiente tenha a ver com um ações muito básicas como as de ingerir e excretar, inspirar e expirar (que, evidentemente, dizem respeito a algo que entra e a algo que sai). Curiosamente, a comunicação tem a ver com esse movimento de entrar e sair de situações, de si mesmo e do outro, e assim por diante.

O processo de codificação dos pensamentos tem aptidão para acionar o cruzamento de estruturas de ocorrência coerentes. O que garante a coreência do cruzamento é uma homologia de probabilidades nas transições espaço-temporais, homologia que criaria as condições para que a informação do for a possa ser percebida e ser levada para dentro do corpo. Muitos têm discutido essa mesma questão, a do contato entre dentro e fora. O semioticista Thomas Sebeok (1991) salienta que o contexto onde tudo isso acontece é muito importante e que o "onde" tudo ocorre nunca é passivo. Assim, o ambiente no qual toda mensagem é emitida, transmitida e admite influências sob a sua interpretação, nunca é estático, mas uma espécie de contexto-sensitivo. Para quem estuda as manifestações contemporâneas de dança, teatro e performance como processos de comunicação, isso é facilmente reconhecível. Já há alguns anos o "onde" deixou de ser apenas o lugar em que o artista se apresenta, transformando-se em um parceiro ativo dos produtos cênicos. Ao invés de lugar, o onde tornou-se uma espécie de ambiente contextual.

A noção de contexto também varia muito. Sebeok define contexto como o reconhecimento que um organismo faz das condições e maneiras de usar efetivamente as mensagens. Contexto inclui, portanto, sistema cognitivo (mente), mensagens que fluem paralelamente, a memória de mensagens prévias que foram processadas ou experienciadas e, sem dúvida, a antecipação de futuras mensagens que ainda serão trazidas à ação mas já existem como possibilidade. Nestas antecipações, há também uma questão

bastante discutida que é a do instinto (Pinker, 1997 e 2000), a pré-disposição comportamental apta a operar antes de qualquer experiência.

As relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador. Capturadas pelo nosso processo perceptivo, que as reconstrói com as perdas habituais a qualquer processo de transmissão, tais informações passam a fazer parte do corpo de uma maneira bastante singular: são transformadas em corpo. Algumas informações do mundo são selecionadas para se organizar na forma de corpo – processo sempre condicionado pelo entendimento de que o corpo não é um recipiente, mas sim aquilo que se apronta nesse processo co-evolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo não estanca, o corpo vive no estado do sempre-presente, o que impede a noção do corpo recipiente. O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo.

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a idéia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação.

Para entender de forma ainda mais clara o processo de transmissão entre corpo e ambiente, vale recorrer a Lakoff e Johnson (1998, 1999), que nos ensinam que conceitos não são apenas matéria do intelecto. Estruturam o que percebemos, como nos relacionamos com o mundo e com outras pessoas, e também como nos comunicamos. Nosso sistema conceitual ocupa um papel central definindo as realidades cotidianas. De acordo com Johnson, o modo como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo isso é sempre matéria metafórica. Como a comunicação se baseia no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem verbal se torna uma fonte importante de evidência do funcionamento do sistema. Importante, porém não a única.

Em termos cognitivos, a metáfora configura-se como um conceito e pode ajudar a entender o processo evolutivo da comunicação. Ao comunicar algo, há sempre deslocamentos: de dentro para fora, de fora para dentro, entre diferentes contextos, de um para o outro, da ação para a palavra, da palavra para a ação e assim por diante. A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro (a chave da metáfora) vai necessariamente esconder outros aspectos do conceito e da experiência. Idéias e expressões linguísticas são objetos e a comunicação identifica-se com a ação do envio das informações. Tal envio, contudo, não pode ser descrito à luz do modelo proposto pela Teoria da Informação de Shannon e Weaver, que apostava na relação emissor-receptor e não levava em conta as contaminações processadas pelo meio.

O conceito metafórico representa um modo de estruturar parcialmente uma experiência em termos da outra. A pergunta é: o que faz parte do domínio básico de uma experiência? As experiências são fruto de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional, etc), de nossas interações com nosso ambiente através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outras

peças dentro da nossa cultura (em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos) e fora dela. Nessa perspectiva, o ato de dançar, em termos gerais, é o de estabelecer relações testadas pelo corpo em uma situação, em termos de outra, produzindo, neste sentido, novas possibilidades de movimento e conceituação.

A filósofa Maxime Sheets-Johnstone pondera que há uma transferência analógica de sentido que é metacorporal. A iconicidade é processada entre gestos (tátil-cinético) da fala e o caráter cinético espacial dos processos ou eventos a que se referem. Na representação corporal simbólica, define a existência de uma semântica evolutiva que coloca os sistemas animais comunicativos dentro de um espectro mais amplo: como modos biológicos de significação. Sugere que formas humanas e não humanas de comunicação sejam entendidas dentro de uma estrutura de referência não abstrata e, de modo algum, em perspectiva ahistórica.

Os estudos da representação corporal simbólica já foram analisados por autores como Sigmund Freud, no que se refere ao estudo dos sonhos; Susanne Langer, quanto à estética dos objetos de arte; Leroi-Gourhan, sobre temas diferentes, incluindo a arqueologia dos artefatos pré-históricos. Todos trabalham com a hipótese de que funcionamos através da incorporação original de um pensamento original. Mas Sheets-Johnstone insiste que a semanticidade e a iconicidade vêm juntas desde o começo de todos os processos representacionais e que ambas são fundamentais para a comunicação. E que a dinâmica cinética da atividade corporal trabalha, em suma, seja qual for o contexto particular, com símbolos cinético-táteis espontaneamente formados e analogamente ancorados na percepção viva das diversas criaturas e espécies.

Os símbolos são estruturados em experiências pré-corpóreas não apenas pela percepção da fala mas analogamente à percepção do sonho. Daí nasce a possibilidade de comunicação. Cognição e comunicação não são sinônimos,

nem mantêm uma relação de causa e efeito. Recentes estudos em Dinâmica (Ven Gelder e Port 1991, Thelen e Smith 1997), demonstram que o traço comum entre elas está no fato de ambas serem processuais (ver Sheets-Jonhstone, 1998: 266-267). Não se trata de uma série estática de representações e, nesse sentido, a comunicação não pode ser restrita a significados. Afinal, nem tudo o que se comunica opera em torno de mensagens já codificadas. Há taxas diferentes de coerência, incluindo, por exemplo, a comunicação de estados e nexos de sentido que modificam o corpo. Esses processos têm lugar no tempo real de mudanças que ainda estão por vir, no ambiente, no sistema sensório-motor e nervoso. Quem dá início ao processo é o sentido do movimento. É o movimento que faz do corpo um corpomídia.

Bibliografia

Blackmore, Susan (1999). *The Meme Machine*. New York: Oxford University Press.

Bauman, Zygmunt (1999,1991). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

Dawkins, R.(1982). *The Extended Phenotype*. Oxford: Freeman.

Deacon, T. (1997). *The Symbolic Species: the co-evolution of language and the human brain*. London: Penguin.

Donald, M. (1991). *Origins of the Modern mind: three stages in the evolution of culture and cognition*. Cambridge: Harvard University Press.

Durham, W.H. (1991). *Coevolution: Genes, Culture and Human Diversity*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

Foley, Robert (2003). *Os Humanos Antes da Humanidade. Uma Perspectiva Evolucionista*. São Paulo: Editora Unesp.

Foucault, Michel (2002, 1971). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

Gabora, L. "The origin and evolution of culture and creativity". *Journal of Memetics*, 1, <http://www.cpm.mmu.ac.uk/jom-emit/1997/vol1/gabora1.html>.

Hutchins, Edwin (1997). *Cognition in the Wild*. NY: MIT Press.

Johnson, Mark (1998). *The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*

Lakoff G. and Mark Johnson (2000). *Philosophy in the flesh, the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.

Mattelard, A. (1997, 1994). *L, invention de la communication*. Paris: Edition de la Découverte.

Pinker, S. (2000). *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ramaschandran V.S. e William Hirstein (1999). "The Science of Art: A Neurological theory of aesthetic experience" in *Art and the Brain, Journal of Consciousness Studies, controversies in science & the humanities*, vol 6, junho/julho. Tucson: University of Arizona Press.

Sebeok, Thomas (). *The sign is just a sign*.

Sheets-Johnstone, M. (1998). "Consciousness: A Natural History" in *Journal of Consciousness Studies, controversies in science and humanities*. Richmond: Imprint Academic, vol 5, n.3, 1998, pp 260-293.

Sheets-Johnstone, M. (1990). *The Roots of Thinking*. Philadelphia: Temple University Press.

Spencer, H. (1851). *Essays Scientific, Political and Speculative*. Londres.

Thelen E. and Linda Smith (1997). *A Dynamic Systems Approach to the Development of Cognition and Action*. Massachusetts: MIT Press.

